

Do riso em Freud e a explicação fisiológica de Spencer

Sergio Augusto Franco Fernandes

E-mail: sergiofrancof@ig.com.br

Resumo: Dentre as várias teorias elaboradas por conceituados pensadores que se preocuparam com a questão do riso e do cômico e suas relações com o pensamento, observam-se tentativas diversas de explicação que, apesar de algumas importantes contribuições, mostraram-se insuficientes para uma fundamentação teórica consistente de tão enigmático problema. A partir do século XIX, importantes contribuições nos foram dadas por eminentes autores, dentre eles Herbert Spencer e seu *A fisiologia do riso*. Interessamo-nos por esse ensaio porque ele marca o fim de uma tradição teórica que colocava a paixão como causa do riso. Por essa via, encontraremos uma explicação do referido autor para o fenômeno do riso. Será visto também o motivo pelo qual Sigmund Freud teria sentido necessidade de modificar algumas idéias de Spencer, a fim de adequá-las à sua linha de pensamento. Buscaremos, então, uma aproximação entre esses dois autores, relacionando algumas idéias de Spencer com algumas definições freudianas sobre o chiste.

Palavras-chave: chiste; cômico; inconsciente; prazer; riso.

Abstract: Among the many theories developed by respected thinkers who worried about the laugh and the comic, and its relationship with the thought, one can observe different attempts to explain this matter. However, despite some important contributions, those attempts were insufficient to establish a consistent theoretical basis of such an enigmatic problem. From the XIX Century, eminent authors, such as Herbert Spencer, in *Physiology if the Laugh*, have contributed to the development of the aspects related to the laugh, comic and its

relationship with the thought. We have interest in this essay because it is a landmark to an end of a theoretic tradition that placed the passion as the cause of the laugh. By this means, we will find in this author an explanation for the laugh phenomenon. We also will see the reason why Sigmund Freud felt compelled to change some of Spencer's ideas, in order to adapt to his own thinking stream. We will try through this paper to approximate those two authors, relating some of Spencer's ideas with some freudian definitions about the *Witz*.

Key-words: comic; laugh; pleasure unconscious; *Witz*.

Quanto ao freqüente erro de se considerar o chiste uma subespécie do cômico, Freud¹ chama a atenção para o fato de que os chistes nos oferecem peculiaridades suficientes o bastante para que se possa efetivar sobre eles uma abordagem própria. Ao contrário do que comumente se pensa, o chiste e o riso provocado pelo cômico são fenômenos distintos, principalmente no que concerne à localização psíquica. Freud afirma que o chiste “[...] é a contribuição feita ao cômico no âmbito do inconsciente”.² Isso quer dizer que o chiste não tem, obrigatoriamente, que provocar o riso.

De acordo com Dugas, não existe fato que tenha sido tão amplamente estudado, nem algo que tenha excitado tanto a curiosidade de filósofos e de pessoas comuns, quanto o riso:

¹ Freud 1905, AE, VIII, p. 173 (SB, VIII, p. 207; SE, VIII, p. 181; GW, VI, p. 207). Como se pode notar, serão utilizadas as siglas AE (Ammorrtu Editores), SB (Standard Brasileira), SE (Standard Edition) e GW (Gesammelte Werke) para indicar as referidas edições, seguidas do número do volume em algarismos romanos e do número da página. Ressalto que, para o presente trabalho, foi utilizada a edição da AE. Quanto à paginação da edição brasileira (SB), da inglesa (SE) e da alemã (GW), estas constarão apenas enquanto referência para aqueles que desejarem consultá-las.

² Freud 1905, AE, VIII, p. 197 (SB, VIII, p. 236; SE, VIII, p. 207; GW, VI, p. 237).

Não há nada sobre que se tenham recolhido tantas observações nem construído tantas teorias. Mas ao mesmo tempo nada permanece mais inexplicável. Seria tentador dizer, com os cétricos, que devíamos nos contentar em rir e não tentar saber por que rimos, já que a reflexão pode matar o riso e seria assim uma contradição pensar que pudéssemos descobrir suas causas.³

Segundo Verena Alberti,⁴ os pensamentos modernos que, de certa forma, tentam significar o riso, não fariam mais do riso enquanto fenômeno que precisa de explicação, e sim da necessidade de concordância entre o homem e o impensado.

Quanto à questão do riso em Freud, abordaremos algumas de suas idéias a esse respeito, para que possamos perceber, dentre outras coisas, até que ponto o riso pode fornecer alguma contribuição interessante ao chiste. Pesquisando a obra de Freud, o riso vai aparecer de forma bastante sucinta e já enigmática nos *Estudos sobre a histeria* (1893-5), num comentário de Breuer, no capítulo III, parte 4, denominada “Estados hipnóticos”,⁵ em que o médico alemão diz que, apesar de desconhecermos o nexos causal do riso, do choro e do enrubescimento, sempre sabemos qual a representação provocada por tais fenômenos, mesmo não tendo a menor compreensão dos seus mecanismos nervosos.

A princípio, quando escutamos um chiste, rimos em vista de algum prazer⁶ que o tal fato narrado tenha nos proporcionado. Em muitos casos, o sentimento de prazer do ouvinte não vai decorrer nem do propósito do chiste nem do seu conteúdo intelectual, mas sim da conexão entre o sentimento de prazer e a técnica do chiste (condensação, deslocamento, jogo de palavras, representação indireta, etc.). Mesmo percebendo que tais

³ Dugas 1899 apud Freud 1905, *AE*, VIII, p. 139 (*SB*, VIII, p. 169; *SE*, VIII, p. 145; *GW*, VI, p. 162).

⁴ Alberti 1999, p. 206.

⁵ Freud 1893-1895, p. 231 (*SB*, II, pp. 224-5; não encontrei a paginação correspondente nas edições da *SE* e da *GW*).

⁶ O conceito de prazer utilizado nesse texto se relaciona diretamente com a diminuição das quantidades de energia acumuladas no aparelho psíquico e, de maneira semelhante, o desprazer encontra-se vinculado ao aumento dessas quantidades.

métodos técnicos dos chistes possuem o poder de evocar um sentimento de prazer naquele que o escuta, muitas vezes não temos a menor idéia de como adquiriram esse poder. Diante de tal incógnita, a conclusão que podemos chegar é que a característica dos chistes vai consistir, em primeiro lugar, na sua forma de expressão (o que não parece ser novidade); uma segunda característica que, de acordo com Freud,⁷ também nada nos ensina de efetivamente novo, diz respeito à redução de um chiste pela substituição de sua forma de expressão por outra (preservando, cuidadosamente, o seu sentido), fazendo com que este perca, além de seu caráter de chiste, também o seu poder de fazer-nos rir, que é uma das maneiras através das quais usufruímos os mesmos. Quando rimos de um chiste, esse riso medirá a sua eficiência na produção de prazer, ou seja, quanto mais forte for a risada, mais eficaz terá sido o chiste que a provocou.

Vale lembrar que os filósofos incluíam os chistes numa parte do cômico (logo, vinculado ao riso), tratando este dentro mesmo da estética e caracterizando a representação estética mediante a condição de que não necessitamos dela para satisfazer nenhuma das nossas necessidades vitais. Nessa perspectiva, apenas devemos contentar-nos com a sua contemplação e satisfazer-nos com a sua representação. Segundo Fischer: “Esta satisfação, espécie de representação, é puramente estética, consistindo em si mesma, tendo em si seu próprio fim, não cumprindo nenhum dos outros objetivos da vida”.⁸ Apesar de Freud ter dito que não entendia muito de estética, tentou traduzir esse pensamento no seu próprio modo de expressão, destacando que a atividade chistosa não deve ser tomada por inútil ou desinteressada, já que impõe como meta inequívoca a produção de prazer no ouvinte.

No que diz respeito às idéias de eminentes filósofos sobre tentativas de se dar conta de um fenômeno tão enigmático quanto o riso, abordaremos algumas idéias de Herbert Spencer, uma vez que o seu

⁷ Freud 1905, *AE*, VIII, p. 90 (*SB*, VIII, p. 115; *SE*, VIII, p. 95; *GW*, VI, p. 103).

⁸ Fischer 1899, p. 20, apud Freud 1905, *AE*, VIII, p. 90 (*SB*, VIII, p. 115; *SE*, VIII, p. 95; *GW*, VI, p. 103).

modelo de explicação do riso, encontrado no seu ensaio “A fisiologia do riso” (1879), marcou o fim de uma tradição teórica que colocava a paixão como causa do riso. Ao nosso ver, o que chamou a atenção de Freud nessa teoria teria sido a constatação de uma certa instância acumuladora de energia nervosa que, ao se descarregar, explicaria as contrações musculares que normalmente seguem a percepção do riso. Vamos ver, então, como ocorre o mecanismo do riso na teoria de Spencer e o que Freud teria a reiterar para adequá-la à sua linha de pensamento.

A origem fisiológica do riso, para Spencer, dar-se-ia, pois, por um excesso de energia nervosa que não fora empregado na ação mental, descarregando-se através de fortíssimas contrações musculares. Para ele, assim como para outros filósofos (principalmente os kantianos), um grau mínimo de entendimento teria como contraponto um grau positivo de movimentos corporais, relação essa que se sobressai através do conceito de “incongruência descendente”, definido por Spencer como aquilo que resultará no riso. Em outras palavras, o riso viria à tona quando a consciência, inesperadamente, transfere-se de coisas grandes para coisas pequenas: “Como mostramos anteriormente, o riso nasce naturalmente quando a consciência, após ter sido ocupada por grandes objetos, estes se reduzem a pequenos objetos [...]”.⁹

Já a “incongruência ascendente”, no dizer do mesmo autor, produzirá a admiração que, em oposição ao riso, é explicada pelos diferentes efeitos de cada incongruência sobre o sistema muscular:

[...] uma incongruência ascendente não somente não faz rir, como produz no sistema muscular um efeito exatamente inverso. Quando após algo bastante insignificante vemos aparecer de improviso algo muito grande, o resultado é uma emoção que se chama admiração; e essa emoção, com efeito, não é uma superexcitação, mas um relaxamento dos músculos.¹⁰

⁹ Spencer 1879, p. 311.

¹⁰ Id..

Isso quer dizer que, quando algo bastante significativo aparece repentinamente depois de algo insignificante, a emoção aparecerá em forma de admiração, acompanhada por um relaxamento dos músculos ao invés de uma tensão.

Por que será que, muitas vezes, quando as pessoas são tomadas pela admiração, abrem a boca e até mesmo deixam cair objetos das mãos? Conforme Spencer, os músculos relaxam devido a uma necessidade suplementar de energia para as atividades mentais, implicando uma diminuição temporária desse fluxo em outras direções. Logo, a energia nervosa de Spencer, quando diz respeito ao riso, é marcada por um excesso e, quanto ao seu contrário, é marcada por uma falta. Tal explicação fundamenta-se num certo princípio de transporte de energia nervosa de um nervo (ou grupo de nervos) a outro, sendo que esses nervos, quando em estado de tensão, deveriam descarregar-se através de algum tipo de canal.¹¹ Faz sentido supor que, se algum dos canais estiver fechado, a energia será descarregada com mais intensidade por outros e, se o fluxo for mais denso em um, conseqüentemente será menor nos outros.

Segundo Spencer, o riso vai resultar de uma descarga não controlada de energia, seguida de movimentos corporais aleatórios, em que a contração dos músculos não teria nenhuma utilidade, marcando, assim, a diferença entre o riso e outras reações semelhantes. Ao corrermos de medo (o exemplo é dado pelo autor),¹² a ação muscular estaria de acordo com o sentimento; contudo, no caso do riso, haveria uma certa fatura de força nervosa sem meta definida, que acabaria por tomar o rumo de uma descarga, iniciando-se pelos órgãos da linguagem (para Spencer, os maxilares, a língua e os lábios), passando pelos músculos da boca e da respiração, podendo chegar aos membros e, até mesmo, ao corpo inteiro. No caso do riso, inclusive os órgãos internos – tais como o coração e o estômago – seriam também estimulados.

¹¹ Ibid., pp. 299-300.

¹² Ibid., p. 300.

Retornando à questão da incongruência, Spencer diz que nela há uma grande massa de emoção, o que, em termos fisiológicos, significa que uma considerável parte do sistema nervoso estaria em estado de tensão. Haveria, pois, uma notável quantidade de energia nervosa que, em vez de ser autorizada a gastar-se produzindo uma quantidade equivalente de novos pensamentos e novas emoções nascentes, de repente é bloqueada em seu fluxo; os canais, ao longo dos quais a descarga estava prestes a ocorrer, são fechados. O excesso deve, portanto, descarregar-se em uma outra direção. Disso tudo resultaria, segundo o autor, um influxo através dos nervos motores para várias espécies de músculos, produzindo ações semiconvulsivas, as quais ele denomina riso: “O excedente deve, pois, descarregar-se em qualquer outra direção; e como já foi explicado, o resultado é que ele passa para os nervos motores nas diferentes classes de músculos, e produz os movimentos semiconvulsivos que nós denominamos riso”.¹³

Talvez essa seja a principal contribuição de Spencer em relação à explicação fisiológica do riso. Já ressaltamos que a “incongruência” não é, para o referido autor, a única modalidade de riso. Haveria, também, um riso provocado por um excesso de sentimentos, mentais ou físicos, que seriam descarregados na ação do corpo. Podemos tomar o riso da “incongruência” como uma das mais convincentes explicações acerca do mecanismo de desencadeamento do riso, podendo ser resumido da seguinte forma: o riso vai decorrer de um excesso de energia nervosa que não fora empregado em pensamentos e emoções, sendo, por conseguinte, descarregado em contrações musculares, ou seja, estando a via mental subitamente fechada, somente restariam as contrações musculares para despender a energia. Entretanto, o riso ocorre quando a atividade do pensamento torna-se impossível e um grau mínimo de atividade mental é compensado por um grau a mais de movimentos corporais.

Para Freud, Spencer não teria sido feliz ao dar uma explicação do motivo através do qual a descarga toma justamente aqueles caminhos,

¹³ Ibid., p. 309.

obtendo como resultado o quadro somático do riso. A respeito da explicação fisiológica do riso e, portanto, da derivação ou interpretação das ações musculares características do riso, diz Freud que esse tema já fora extensamente tratado, tanto antes como depois de Darwin, mas nunca de uma maneira definitiva. A contribuição que Freud teria a fazer, quanto a esse assunto, seria a seguinte:

[...] o gesto característico do riso, o estiramento dos cantos da boca, aparece pela primeira vez no lactante satisfeito e saciado quando, adormecido, solta o peito. Nesse caso, é um correto movimento expressivo, pois corresponde à decisão de não mais se alimentar; por assim dizer, representa algo como um “basta” ou então um “é mais que suficiente”.¹⁴

O que Freud quer dizer é que o significado original dessa agradável saciedade pode ter levado a criança ao sorriso (fenômeno básico do riso), isto é, ao seu posterior nexa com os agradáveis processos de descarga.

Como vimos, de acordo com Spencer, o riso é um fenômeno de descarga da excitação mental e uma prova de que o uso psíquico dessa excitação tropeça repentinamente contra um obstáculo. Não obstante, Freud sente necessidade de modificar o pensamento de Spencer, concebendo de maneira mais precisa suas idéias, transformando-as. Diria Freud¹⁵ que o riso nasce quando uma grande quantidade de energia psíquica, antes utilizada no investimento de certos trajetos psíquicos particulares, acumula-se e torna-se inútil, podendo, então, experimentar uma descarga livre.

Em defesa da sua hipótese, Freud apropria-se de uma sentença de Theodor Lipps sobre a comicidade e o humor, fazendo derivar dela esclarecimentos para outros assuntos: “Em definitivo, cada problema psicológico leva-nos a adentrarmos tanto na psicologia que, no fundo,

¹⁴ Freud 1905, *AE*, VIII, p. 140, nota 2 (*SB*, VIII, p. 170, nota 1; *SE*, VIII, p. 146; *GW*, VI, p. 163).

¹⁵ Freud 1905, *AE*, VIII, pp. 140-1 (*SB*, VIII, pp. 170-1; *SE*, VIII, p. 147; *GW*, VI, p. 164).

nenhum problema psicológico pode tratar-se isoladamente”.¹⁶ Esclarece Freud que, desde que começou a organizar os fatos da psicopatologia de forma filosófica, os conceitos de “energia psíquica” e de “descarga”, além da abordagem da energia psíquica como quantidade, tornaram-se habituais nas suas reflexões. No mesmo sentido que Lipps, Freud tentou situar o que é efetivamente psíquico como processos psíquicos em si mesmos inconscientes e não enquanto conteúdos da consciência.

A fim de evitar mal-entendidos, Freud¹⁷ acrescenta que, mesmo que fosse possível representar os trajetos psíquicos¹⁸ através de elementos orgânicos do sistema nervoso, ele não corroboraria a idéia de que tais trajetos fossem formados por células e fibras nervosas, como supõe Spencer. Segundo sua hipótese, no riso já estão dadas as condições sob as quais uma soma (acúmulo) de energia psíquica encontra livre descarga. Se o riso, mais especificamente o riso provocado pelo chiste, é uma indicação de prazer (quanto mais forte o riso, maior o prazer), talvez possamos referir esse prazer à suspensão de um investimento de energia (catexia), mantido até o momento da descarga.

Tentarei traduzir aquilo que Freud postula acerca do riso, em especial o riso provocado pelo chiste. Para ele, como vimos, o riso seria uma descarga motora que, para acontecer, precisaria de uma certa quantidade de energia psíquica acumulada. Logo, uma questão faz-se pertinente: de onde, então, proviria essa energia, necessária para desencadear o riso? De forma clara e precisa, Renato Mezan nos diz que essa energia origina-se

¹⁶ Lipps 1898, p. 71, apud Freud 1905, *AE*, VIII, p. 140 (*SB*, VIII, p. 171; *SE*, VIII, p. 146; *GW*, VI, p. 163).

¹⁷ Freud 1905, *AE*, VIII, p. 141 (*SB*, VIII, pp. 171-2; *SE*, VIII, p. 148; *GW*, VI, p. 165).

¹⁸ Freud refere-se aos canais através dos quais circula a energia do aparelho psíquico. Ver “Projeto de psicologia”, parte 10, onde há uma tentativa elaborada de confirmar tais trajetos. Freud 1950 [1895], *AE* I, p. 360 (*SB*, I, p. 428; *SE*, I, p. 316; não há páginação correspondente na edição da *GW*).

[...] do levantamento da repressão que incidia sobre as representações tematizadas pela frase espirituosa (chiste): sendo seu conteúdo apresentado por um outro, o autor do dito, o ouvinte é apanhado de surpresa e se representa a situação formulada na frase. Ao realizar esta operação, gratifica seus próprios impulsos inconscientes, tornando dispensável a manutenção da repressão, cuja energia, não encontrando outra aplicação imediata, pode ser empregada para a descarga do ouvinte, impedindo-o de tornar a “ligar” a energia subitamente liberada; e, para que ocorra esta liberação, é imprescindível ainda que o conteúdo do dito não seja ofensivo nem comovedor para quem o escuta, pois neste caso a reação não seria de riso, mas de cólera ou choro.¹⁹

Podemos, também, vincular essa concepção (“admiravelmente simples”, no dizer de Mezan) aos deslocamentos de energia que se encontram no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*.²⁰

Pensando em termos econômicos, uma mesma argumentação parece poder dar conta da ausência do riso em quem pronuncia um chiste. Podemos pensar que a energia que provém da suspensão da repressão (o que desencadearia o riso) pode ser parcialmente investida na elaboração do pensamento em forma de chiste; porém, normalmente não se consegue atingir a intensidade necessária para provocar o riso, o que quer dizer que aquele que produz um chiste não é quem primeiro vai rir, pois sempre será um terceiro – aquele que escuta o chiste – quem primeiramente rirá: “Parece que não estamos aqui em condições de obter um entendimento profundo; conseguimos esclarecer melhor uma parte do nosso problema, a saber, por que a terceira pessoa ri, e não por que a primeira pessoa não ri”.²¹

Sendo o riso um fenômeno extremamente contagioso, o riso do outro se faz necessário para completar o nosso próprio processo psíquico, fazendo-nos rir por “tabela”, pois o riso é tido como uma das expressões mais contagiosas dos estados psíquicos. Quando fazemos o outro rir, comu-

¹⁹ Mezan 1982, p. 121.

²⁰ Freud 1900 [1899].

²¹ Freud 1905, *AE*, VIII, p. 143 (*SB*, VIII, p. 174; *SE*, VIII, p. 150; *GW*, VI, p. 168).

nicando-lhe um chiste, na verdade servimo-nos desse outro para despertar o nosso próprio riso e, de fato, pode-se observar que quem primeiro conta o chiste, de forma séria, logo acompanha a gargalhada do outro, com um riso moderado. De acordo com Freud,²² em consequência disso tudo, a comunicação de um chiste meu, por exemplo, a outra pessoa, pode servir a vários propósitos, dentre os quais proporcionar a certeza de que a elaboração do chiste foi bem sucedida e complementar o meu próprio prazer pelo efeito retroativo desse outro sobre minha pessoa.

Mezan²³ lembra que a técnica do chiste proporciona um prazer preliminar de pequena intensidade, de acordo com o relaxamento das exigências repressoras no nosso próprio psiquismo. Esse “prazer preliminar”²⁴ seria, em síntese, um prazer que nos possibilita a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas ainda mais profundas e obscuras. Essa seria, entretanto, a primeira aparição do conceito de “prazer preliminar”, de fundamental importância para a constituição da teoria sexual freudiana. Nessa perspectiva, é interessante notar que o registro da alteridade, essencial para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, é o que aflora.

Referências

Alberti, Verena, 1999: *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro, JZE/FGV.

Dugas, Renné, 1899: *La psychologie du rire*. Paris, s/editora.

²² Freud 1905, *AE*, VIII, p. 148 (*SB*, VIII, p. 180; *SE*, VIII, p. 155; *GW*, VI, p. 174).

²³ Mezan 1982, p. 122.

²⁴ De acordo com Freud, podemos relacionar o “prazer preliminar” com todo prazer estético que um escritor criativo nos proporciona, em que a verdadeira satisfação usufruída de sua obra literária vai proceder, supostamente, de uma liberação de tensões das nossas mentes. Ver Freud 1908 [1907], *AE*, IX, p. 135 (*SB*, IX, p. 158; *SE*, IX, p. 153; *GW*, VII, p. 223).

- Fischer, Kuno, 1899: *Über den Witz*. 2. ed. Heidelberg, s/ editora.
- Freud, Sigmund 1893 [1895]: "Estúdios sobre la histeria" (J. Breuer y S. Freud). In: Freud 1996, v. II.
- ____ 1900 [1899]: "La interpretación de los sueños". In: Freud 1996, v. IV.
- ____ 1905: "El chiste y su relación con lo inconciente". In: Freud 1996, v. VIII.
- ____ 1908 [1907]: "El creador literario y el fantaseo". In: Freud 1996, v. IX.
- ____ 1950 [1895]: "Proyecto de psicología". In: Freud 1996, v. I.
- ____ 1996: *Obras completas*. Tradução de Jose L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu.
- Lipps, Theodor 1898: *Komik und Humor*. Hamburgo/Leipzig, s/ editora.
- Mezan, Renato 1982: *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva.
- Spencer, Herbert 1879: "La physiologie du rire". In: *Essais de morale de science et d'esthétique*. Tradução de M. A. Burdeau. Paris, Librairie Germer Bailliére.